

# O Bom Samaritano da Aldeia de Keren

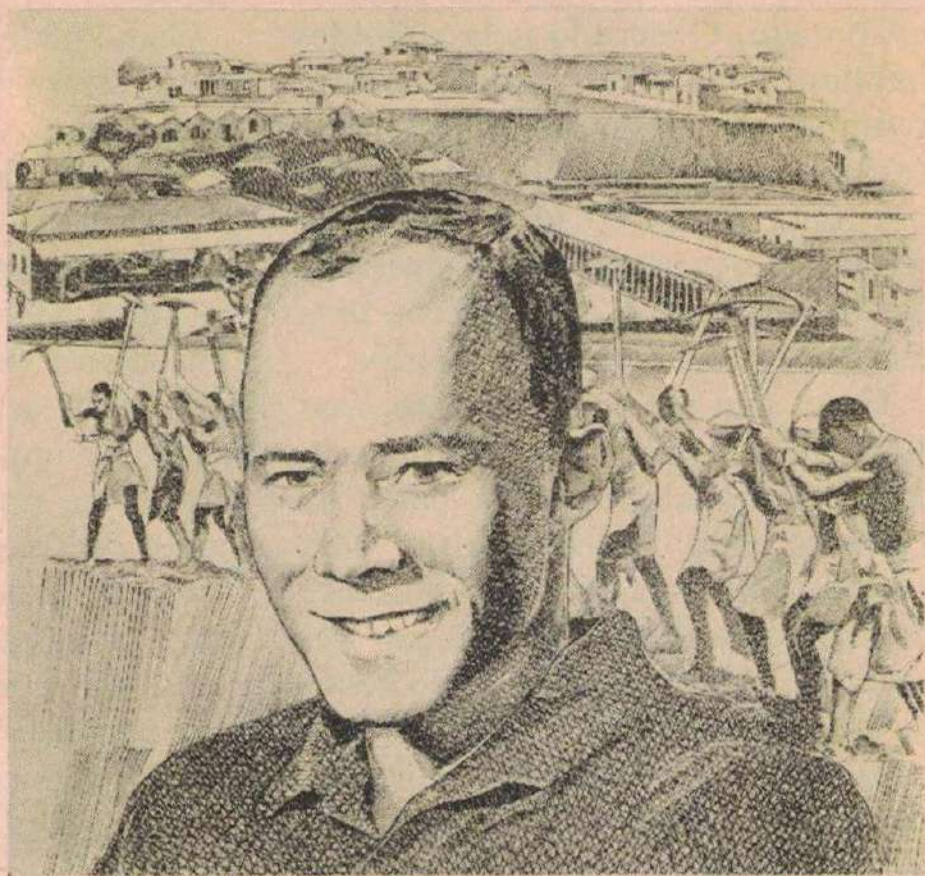
A história edificante de um môço “estrangeiro” que levou esperança a um dos recantos mais inóspitos do globo

*Condensado de* EMPIRE  
CLARENCE W. HALL

**P**ASSEANDO em seu jipe do Exército naquele dia de setembro de 1963, Hugh Downey estava completamente despreocupado. O ar etíope era magnificamente sadio, como sadio era também o ânimo daquele soldado de 21 anos. Ao ver um padre copta caminhando pela estrada poeirenta, Downey parou e ofereceu-lhe carona até à aldeia de Shinnara. Essa pequena gentileza estava destinada a mudar não só o rumo da vida de Hugh Downey, mas também as vidas de milhares de etíopes.

No caminho, o sacerdote e o jovem soldado americano começaram a conversar. E Downey

imediatamente se deu conta de que aquela província—a Eritrêia, outrora domínio da fabulosa Rainha de Sabá—de há muito havia perdido o brilho. A vida ali era inóspita e a morte chegava cedo para a maioria





dos milhares de etíopes desanimados, que tentavam desesperadamente extrair subsistência do árido solo da região. Não existia assistência médica. A taxa de mortalidade infantil era das mais elevadas do mundo. Epidemias periódicas ceifavam centenas de vidas.

“A única maneira de nosso povo sair da miséria”, disse o padre desconsolado, “é pela educação.” Mas não havia escolas nas aldeias, apesar das tentativas do povo para instalá-las. Ao chegar a Shinnara, o padre mostrou os restos de uma choupana de sapé. “Isso é o que restou da nossa escola. As chuvas das monções arrasaram-na e o povo está por demais desanimado para reconstruí-la.”

Nessa noite, de volta à base americana em Asmara, Hugh Downey verificou que sua euforia tinha-se evaporado. Obcecado pela visão dos habitantes da aldeia pateticamente tentando dar alguma espécie de educação a seus filhos, Downey sentiu que uma resolução se formava em seu espírito: custasse o que custasse, êle os ajudaria a construir uma escola que agüentasse a monção.

Hoje, não mais no Exército, mas ainda na Etiópia, “Mr. Hugh”, como é conhecido em tôda parte na Eritréia, tem a seu crédito uma enorme fôlha de serviços. Durante os últimos sete anos êle lançou dezenas de iniciativas que estão revolucionando as vidas de milhares de etíopes. Dentre elas: 10 escolas de aldeia; um orfanato que abriga 100 crianças órfãs, com escola externa

para 150 outras; uma clínica obstétrica que já salvou centenas de mães e seus bebês; uma biblioteca pública de 5.000 volumes; um belo hospital de 75 leitos. Além disso, êle ensinou o povo a furar poços, combateu epidemias de malária, fêz experiências agrícolas para ajudar os aldeões a melhorarem a produção e distribuiu toneladas de alimentos e roupas aos pobres.

Mais importante do que tôdas essas façanhas tangíveis a favor dos etíopes, porém, foi a milagrosa mudança que Hugh Downey introduziu nas mentes e nas atitudes dêles. Êle extirpou a crença secular na inevitabilidade do destino e implantou a idéia de que, por sua própria iniciativa, êles podem sair da desesperança, da pobreza e da ignorância.

Como pôde um único homem conseguir tanto? Vamos acompanhar sua caminhada.

“**Êste Projeto é de Vocês**”. No primeiro dia de folga que êle teve após o encontro com o padre, Hugh voltou a Shinnara. “Vocês querem uma escola para seus filhos?”, perguntou êle aos aldeões reunidos, falando por linguagem de gestos. “Vamos fazer uma juntos.” Descarregando dois sacos de cimento e uma fôrma de madeira tôsca êle começou a demonstrar como o cimento, misturado com areia, forma blocos que resistem a qualquer monção. “Vocês vão praticando”, disse êle. “Daqui a poucos dias começaremos.”

Desde o início Downey estabele-



leceu que as pessoas interessadas fariam o trabalho elas mesmas. “Sempre que fazemos por outras pessoas alguma coisa que elas podem fazer por si mesmas”, afirma êle, “tira-mos-lhes alguma coisa importante—a dignidade, o prazer de fazer.” Para os aldeões êle deixou claro: “Êste projeto é de *vocês*, não meu.”

A absorção do princípio de fazerem êles mesmos foi lenta e mais retardada ainda pela desconfiança dos nativos quanto às intenções de Hugh. Até então êles só haviam conhecido duas espécies de estrangeiros: soldados que tinham ido para conquistá-los e missionários que tinham ido para convertê-los. “Eu não represento govêrno nenhum”, repetia Hugh constantemente. “Sou apenas um sujeito comum procurando ajudar outros o melhor que posso.”

O maior obstáculo de Hugh no princípio foi a barreira da língua. Êle sabia apenas umas poucas palavras de amárico, a língua oficial, e nenhuma de tigré, a *língua franca* da região setentrional. Mas êsse problema foi resolvido quando apareceu um etíope exatamente da idade de Hugh. Ato Sium Andegherghis ficou ali observando durante algum tempo, vendo Hugh andar de um lado para o outro fazendo sugestões aos trabalhadores por meio de mímica. Em inglês perfeito, Sium disse:

—Eu venho de Ghelas, onde estive tentando fundar uma escola, mas esta é minha aldeia. Quando

soube que um soldado americano estava ajudando a minha gente, não pude deixar de vir oferecer os meus préstimos. Você aceita?

—Se aceito!—bradou Hugh.—Você não vem de Ghelas, homem... você vem do céu!

**Um Pouco de Adão.** Com Sium traduzindo as instruções de Hugh, o trabalho aumentou de velocidade—e dívidas. Tendo gasto todo o seu sôldo em materiais, Hugh escreveu ao pai, advogado em Kansas City. O velho Downey não só mandou dinheiro; mostrando as cartas de Hugh a amigos, sentiu que êles estavam desejosos de contribuir. Daí a cinco meses a escolinha estava pronta e equipada. Custo total: 800 dólares. Sium foi nomeado professor.

Em breve Downey estava envolvido em diversos outros projetos de construção de escolas. E não só isso. Conforme êle explica, “uma necessidade ia revelando outra—e que era que eu podia fazer”? Por exemplo, enquanto construía uma escola em Ghelas, verificou que a única fonte de abastecimento de água da aldeia ficava a quilômetros de distância; os moradores tinham de buscá-la em baldes subindo e descendo uma serra.

Mesmo não sendo geólogo, Hugh sabia que a falta de água na superfície não quer dizer que não exista água debaixo da terra: a questão é furar no lugar certo. Um lugar que parecia certo ficava à sombra de um enorme baobá, a única coisa verde



numa área seca. Induzidos a fazerem um mutirão para cavar, os etíopes ficaram surpreendidos quando encontraram água fresca e limpa a nove metros de profundidade. Agora, depois da escola nova, o poço de Ghelas é a propriedade mais preciosa dos aldeões.

**Lugar de Esperança.** No começo de 1965, um mês antes de dar baixa do Exército e voltar para casa, Hugh mandou dizer ao pai que tinha outro plano. Tendo alugado uma casinha na vila de Keren “para ficar perto de meus projetos” êle fôra atraído por mais uma necessidade premente. Um dia, vendo um órfãozinho de aspecto miserável perambulando faminto por Keren, êle levou-o para casa. Em poucas semanas a casa de Downey estava cheia de crianças abandonadas.

“Agora temos 20 órfãos em mãos”, escreveu Hugh. “O prefeito ofereceu-nos um lote de terra se eu construir um orfanato para êsses garotos. Um prédio para êles vai custar 3.000 dólares. Economizei 1.500 de meu sôlido. Quer contribuir com o restante? (P.S.: Já iniciamos a construção!)”

Deixando Sium encarregado dos órfãos, Hugh foi a Kansas City para conhecer as pessoas que haviam contribuído. Impressionadas com o que êle lhes contou, essas pessoas prontamente se associaram em uma organização de utilidade pública, sem fins lucrativos, para apoiar os empreendimentos de Hugh na Etiópia. Por sugestão dêle a organiza-

ção foi denominada “Associação Lalmba”—nome de uma montanha perto de Keren e que significa “lugar de esperança e refúgio”. Todo o dinheiro arrecadado se destina à obra de Hugh; tôda a escrituração é feita por voluntários, e nada é contabilizado como despesa administrativa.

**Meca Médica.** Antes de voltar à Etiópia, Hugh convenceu sua namorada de infância—Martha Rose Meagher—a casar com êle, e poucas semanas depois o casal estava a caminho de Keren. Levaram um carregamento de remédios doados por uma fábrica de produtos farmacêuticos e o projeto arquitetônico do orfanato, contribuição de uma firma de arquitetos de Kansas City.

O comprido e baixo prédio de pedra e tijolos com pórtico foi concluído em questão de meses. Compreende dormitórios alegres, refeitório, salas de aula, alojamentos para professôres e seção administrativa.

Outros projetos se sucederam rapidamente. Para combater as frequentes epidemias de malária que assolavam a baixada deserta além de Keren, Hugh organizou uma série de “safáris médicos” constituídos de médicos do Exército americano, enfermeiras do Corpo da Paz e assistentes médicos etíopes. Para reduzir a taxa alarmantemente alta de mortalidade infantil êle tomou um prédio desocupado de Keren e transformou-o em clínica obstétrica de elevado padrão para atender centenas de mulheres etíopes. E,



movido pela curiosidade despertada no povo para com o resto do mundo, Hugh remodelou outro prédio desocupado para servir de biblioteca pública.

Mas o projeto mais recente de Downey, e o mais ambicioso até agora, foi a construção de um belo hospital de 75 leitos em Keren. Essa é a construção de um sonho há muito acalentado. Durante anos Hugh sentira a necessidade de instalação médica permanente. Sua casa em Keren tornara-se a meca dos doentes, que às vezes viajavam a pé um dia inteiro para implorar ajuda. E nas viagens que fazia às aldeias êle sempre encontrava pessoas precisando desesperadamente de cuidados hospitalares.

Hoje, graças em grande parte a Lalmba, o hospital não é mais um sonho. O corpo médico é fornecido pelo Govêrno etíope. O Dr. Robert A. McLauchlin e sua espôsa, enfermeira diplomada, viajaram por conta própria dos Estados Unidos em 1969 para dar parecer sôbre o projeto. Êle se acha agora licenciado de seu emprêgo para dirigir o hospital de Keren.

**A Recompensa que Conta.** “Mr.

Hugh” e a espôsa estão constantemente concebendo novos projetos para “manter as pessoas entusiasmadas”. No alto da lista para êste ano estão a instalação de uma grande fazenda-modêlo em terras oferecidas à Lalmba pelo govêrno, a ampliação do orfanato, a construção de mais escolas e estradas e o estabelecimento de uma série de postos médicos avançados. Também está merecendo atenção prioritária a fundação do que Hugh chama uma “escola de engenharia”, para o ensino de ofícios e o preparo de artesões para atender à falta de pessoal qualificado na Etiópia.

Trabalhando sem salário, vivendo com pouco, qual é a recompensa de Hugh e Martha? Hugh responde: “Não conheço felicidade maior do que o sorriso de uma criança curada de malária, o calor nos olhos de um órfão que percebe que é amado, o ansioso devotamento aos estudos de um garôto que descobre que pode aprender, o primeiro sinal de água em um poço que a gente acabou de furar numa terra sempre sedenta, o tímido ‘obrigado’ de uma mãe cujo filho a gente salvou. Como se pode pedir mais?”



### *Folga Para Felicidade*

**J**ALVEZ seja a influência da nova Matemática. Uma garotinha, quando voltou da escola primária para casa e sua mãe lhe perguntou se ainda estava com as luvas dela, respondeu: “Tenho tôdas menos uma.”